Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

FUNDAMENTOS BÁSICOS DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL: CINEMA

Autora: Viviane Paduim[1]
Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Zahdi Salgado[2]

Resumo:

Este artigo apresenta resultados de um Projeto de Intervenção Pedagógica realizado na cidade de Curitiba-PR, por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) ofertado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. O referido projeto se insere na linha de estudo **Cinema, vídeo e outras mídias no ensino da arte** e teve por objetivo analisar e problematizar questões relativas ao uso do cinema e vídeo apenas como recurso didático bem como um trabalho sistematizado com os fundamentos básicos da linguagem cinematográfica e seus códigos específicos. Para isso foram contempladas as seguintes etapas: análise do uso do cinema no processo ensino-aprendizagem; aspectos relevantes da

[1] Pós-graduada em "Metodologia do Ensino da Arte" pela UTP e "Educação Inclusiva" pela UFPR. Graduada em Educação Artística – Artes Plásticas pela FAP. Docente da disciplina de Arte do C.E Natália Reginato-Ensino Fundamental, Médio e Profissional.

[2] Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP, especialista em História da Arte do Século XX pela EMBAP e graduado em Design Gráfico pela PUC-PR. Docente da FAP e líder do NatFap - Núcleo de Arte e Tecnologia da FAP.

história do cinema; os fundamentos da linguagem cinematográfica; elaboração de um material que pudesse contribuir para a compreensão da linguagem audiovisual. Moran, Martin, Machado e Napolitano são alguns dos autores que fundamentaram esta pesquisa.

Palavras-chave: escola; arte; cinema; linguagem cinematográfica.

1. Introdução

O audiovisual faz parte da maioria do cotidiano dos estudantes, porém estes, muitas vezes, apresentam-se como meros espectadores. Já na escola o audiovisual, especificamente cinema ou vídeo, quando presente no processo ensino-aprendizagem é utilizado em grande parte como ferramenta, um recurso para a apreensão de determinados conteúdos. Professores de História, por exemplo, encontram nos filmes possibilidades de trazer o passado, o presente e, por que não dizer, o futuro para mais perto do estudante. Trabalhar e discutir o descobrimento da América com o filme "1492: A conquista do Paraíso"(1992), do diretor Ridley Scott, pode produzir uma aula muito mais atrativa do que somente expor o conteúdo ou solicitar a leitura do mesmo.

Na escola podemos encontrar, também, outras situações da forma de uso do audiovisual. Quando há falta de um professor, por exemplo, muitas vezes a equipe pedagógica decide por colocar os estudantes para assistir um filme. Se frequentemente esta atitude é tomada, o aluno pode associar o filme somente a um passatempo. Em outras ocasiões, um filme pode ser usado para "preencher a aula", sem estar relacionado aos conteúdos. Outras vezes é visto em sua totalidade e, posteriormente não é retomado ou discutido, levando o aluno a concluir que o vídeo ou filme é um "método" de camuflar aula.

Algumas destas situações podem prejudicar o processo ensino-aprendizagem e desvalorizar a presença do cinema e vídeo na sala de aula. O audiovisual como recurso, pode ser usado, por exemplo, para aumentar o repertório do aluno, como um meio de sensibilizá-los para o aprendizado de determinado conteúdo ou como ilustração de um momento histórico (como exemplificado acima) que, mesmo não sendo totalmente fiel, auxilia o aluno a compreender o contexto da época, enfim, há inúmeras possibilidades de usá-lo de

forma coerente em diversas áreas do conhecimento.

Porém faz-se necessário uma reflexão a respeito do uso do audiovisual na escola e do acesso por parte dos estudantes a esta linguagem, composta por um conjunto de códigos próprios, códigos estes que se integram aos conteúdos da disciplina de arte.

A partir desta realidade o projeto teve como objetivo o estudo teórico e prático dos fundamentos básicos da linguagem cinematográfica que estruturam e organizam o cinema, a identificação dos seus códigos específicos, o acesso a alguns aspectos relevantes da história do cinema, o cinema como arte e como produto da indústria cultural.

Essa pesquisa se orientou com a seguinte questão problematizadora: o conhecimento dos fundamentos básicos da linguagem cinematográfica possibilitará uma melhor compreensão da produção em cinema e por consequência melhor posicionamento crítico e condição de leitura por parte dos estudantes diante destas obras?

A partir dessa questão norteadora é que elaboramos a proposta de intervenção pedagógica na escola, o material didático pedagógico e o Grupo de Trabalho em Rede- GTR no qual os participantes puderam analisar o projeto e o material produzido bem como colocar suas experiências, opiniões e sugestões a respeito da linguagem audiovisual na escola.

2 . O cinema no processo ensino-aprendizagem

A utilização do cinema em sala de aula não é algo recente. Nas últimas décadas, nota-se que filmes e trechos de filmes vêm sendo usados, ainda que timidamente, por professores das mais diversas disciplinas, porém nem sempre de forma crítica, analítica. Essa preocupação sobre a utilização do cinema no processo ensino-aprendizagem é discutida na obra de Marcos Napolitano. De acordo com Napolitano (2003, p. 7) o cinema "[...] não tem sido utilizado com frequência e o enfoque desejáveis [...]" e relata, ainda, que os professores "[...] se prendem ao conteúdo das histórias, às "fábulas" em si, e não discutem os outros aspectos que compõe a experiência do cinema".

Assim, podemos dizer que a escola ainda enfrenta dificuldades em integrar e trabalhar com todas as possibilidades didáticas do cinema bem como com sua estrutura, forma e qualidade estética. Apesar das chamadas TIC (tecnologias da informação e comunicação) como computadores, internet e várias outras mídias digitais estarem cada vez mais presentes no ambiente escolar, colaborando para o desenvolvimento de trabalhos com o audiovisual, observamos que há ainda muito a ser feito.

Inseridos num mundo que é invadido diariamente por imagens e sons é importante que a escola forneça subsídios para que o aluno tenha um olhar mais educado, crítico e, consequentemente, possa ler e interpretar as imagens produzidas pelo cinema. Pierre Bourdieu reafirma isso quando diz que

> [...] a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de "competência para ver", isto é, uma certa disposição valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, o autor assinala que essa "competência" não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas - que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia - é o que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema. (apud Duarte, 2002, p. 13)

Portanto esta relação entre o audiovisual e a pessoa que recebe a mensagem depende da cultura, da história de vida, dos conhecimentos adquiridos, das experiências, das leituras, entre outros, de cada indivíduo. É no espaço escolar que o aluno pode ir além do seu repertório, de sua bagagem cultural. Com a presença de conteúdos relacionados ao cinema no processo ensino-aprendizagem, o aluno poderá ter condições de fazer uma leitura mais consistente diante das produções fílmicas. Isso poderá levá-lo também a ser um apreciador desta arte, desenvolvendo seu gosto pelo cinema e o hábito de frequentá-lo. Pois

> [...] ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolve os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas [...]. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio desta linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais.(DUARTE, 2002, p. 14)

Assim, o conhecimento e o domínio desta linguagem são fundamentais na formação do aluno.

O cinema, composto por esta linguagem[3] própria, tem como matéria prima a imagem fílmica. Ela é resultado de um aparelho técnico, mecânico (a câmera) capaz de reproduzir o que lhe é proposto mas, ao mesmo tempo é resultado da intervenção, da visão pessoal do(os) seu(s) idealizador(es). É por meio dele(s) que a "câmera passa a criar" deixando de ser passiva, ou ser apenas um instrumento de registro, para tornar-se ativa. No momento em que surgiu a ideia de deslocar a câmera (a partir de 1900) ao longo de uma mesma cena (pois até então, ela fazia o papel de "regente da orquestra", permanecendo fixa) nascia o cinema como arte, como criação. Como descreve Martin (2011, p. 32) " A câmera torna-se móvel como o olho humano, como o olho do espectador ou do herói do filme. A partir de então, a filmadora é uma criatura móvel, ativa, um personagem do drama."

Mas para a câmera desempenhar este papel criador ela necessita de outros fatores, outros elementos relacionados a expressividade da imagem como os enquadramentos, os planos, os ângulos de filmagem, os movimentos de câmera e o som.

Em síntese, todos estes elementos são necessários para a compreensão da linguagem audiovisual exercendo um papel importante na formação e na vida do aluno. Assim, o projeto e o material produzido foi direcionado no sentido de mostrar que esta linguagem é muito mais do que um recurso didático pois tem

---

[3] De acordo com Santaella existe uma linguagem verbal, linguagens de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução alfabética(linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

seus códigos próprios que, se compreendidos, permitem olhar para além da tela e para além da realidade.

Segundo documentos oficiais relacionados a disciplina de Arte, tanto do Governo Federal como do Governo Estadual - Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008), respectivamente, é na aula de Arte que os alunos devem ter acesso aos conteúdos relacionados ao audiovisual, em especial, nesta pesquisa, o cinema.

3. A linguagem cinematográfica nas aulas de arte

Durante o primeiro semestre de 2014 desenvolvi um trabalho sistematizado com os fundamentos básicos da linguagem cinematográfica com três turmas do nono ano do Colégio Estadual Natália Reginato, no Bairro Cajuru, em Curitiba. Como isso aconteceu?

Definimos o pré-projeto em 2013 após constatação da necessidade de desenvolver conteúdos relacionados à Linguagem Cinematográfica na sala de aula, primeiramente, por meio da semana pedagógica (fevereiro de 2013) na qual tive a informação de que o cinema ainda não havia sido trabalhado na escola e depois, baseado na literatura e pesquisas científicas que apontaram o uso do cinema quase que exclusivamente como recurso didático. A proposta foi pensar o cinema enquanto objeto artístico, isto é, suas formas narrativas e seus recursos expressivos, buscando a possibilidade do aluno ser um espectador crítico, com capacidade de fazer leituras e compreender o filme em sua forma estrutural e composicional.

Para auxiliar as aulas, no segundo semestre de 2013, elaboramos um material de apoio, isto é, uma Unidade Didática que abordou o tema em questão e proporcionou um aprofundamento teórico-metodológico, fornecendo aos estudantes subsídios que ampliaram seus conhecimentos e contribuíram para a compreensão crítica a respeito dos fundamentos básicos da linguagem audiovisual. O material permitiu, também, a reflexão sobre a história do cinema, isto é, as imagens em movimento desde a pré-história até as próprias do mundo digital que nos cercam. Segundo Napolitano (2003) para se trabalhar com a linguagem cinematográfica é necessário conhecer a história do cinema bem como seus códigos específicos, proporcionando assim um trabalho pedagógico fundamentado.

Nesse sentido o material produzido apresentou como fundamentação teórica e prática: a história das imagens em movimento partindo das pinturas rupestres, passando pela projeção de imagens por meio do teatro de sombras (China, Índia), que podemos dizer, contribuiu para a história do cinema. Neste momento foi proposto para que os alunos desenvolvessem roteiro e criassem um teatro de sombras. Muitos, ainda, não haviam participado deste tipo de atividade e quase 100 % dos alunos a realizaram.

No tópico que abordou o princípio da câmera escura (século XV), descoberto por Leonardo da Vinci e sobre os inúmeros aparelhos inventados que trabalham com a persistência retiniana, levei um protótipo de câmera escura (tipo *pinhole*) para que eles pudessem entender como as imagens são projetas. Passei trechos de filmes e vídeos sobre o assunto e a atividade prática proposta foi a elaboração de um *flipbook* no qual eles puderam constatar que um objeto visto pelo olho humano e interpretado pelo cérebro persiste na retina por uma fração de segundo após ser visto (persistência retiniana). No item referente a contribuição da fotografia para o cinema, aproveitei para trabalhar com alguns elementos que também se referem a linguagem cinematográfica como enquadramentos, os vários tipos de planos, *plongée*, contra-*plongée*. Foi neste momento que eles puderam usar a câmera dos seus celulares, pois a prática consistia em trabalhar com estes elementos. Os resultados foram satisfatórios e pude perceber que eles começavam a entender estes princípios.

Os primeiros filmes oficiais projetados para o público (irmãos Lumière) que aconteceu no Grand Café no Boulevard des Capucines e tratava da saída dos funcionários de uma fábrica pertencente aos irmãos (*La sortie des Usines Lumière*) bem como a famosa chegada de um trem na estação (*L'Arrivée d'un Train wn Gare de Ciotat*),foram passados e analisados pelos alunos que puderam verificar, por exemplo, que a câmera fazia papel de “regente da orquestra”, explicação que já tinha sido comentado anteriormente.

Referente ao ilusionismo e as experiências de Georges Méliès com o cinema, os alunos puderam apreciar seus primeiros filmes e fazer analogias com o que temos de ilusionismo atualmente no cinema (3D, 4D). Para ilustrar e fundamentar mostrei vários trechos do filme “ A invenção de Hugo Cabret” (direção de Martin Scorsese- 2012). Sobre os primeiros anos do cinema, eles

puderam apreciar na integra o filme de Charles Chaplin, “Carlitos Dentista” (1914) e trechos do “Tempos Modernos”(1936). Neste momento aproveitei para trabalhar com a música e cinema, trilhas sonoras e efeitos sonoros (Tubarão, Psicose).

Foi trabalhado também, em algumas aulas, sobre os primeiros estúdios, o cinema como indústria, o cinema como arte e os fundamentos básicos da linguagem audiovisual (enquadramentos, movimentos de câmeras, planos, entre outros). Neste momento, após vários exercícios de filmagem e de expressões faciais e corporais, eles puderam elaborar roteiro para o primeiro curta-metragem. O trabalho foi feito em equipe e editado no programa moviemaker. Alguns tinham o programa e para outros, levei meu próprio computador para a edição. Surgiram temas como pichação, violência, morte, amor, amizade. Foi possível constatar a presença dos conteúdos relacionados a linguagem audiovisual trabalhados anteriormente. Neste momento houve muita empolgação e todos queriam assistir aos filmes que foram passados e analisado pelas turmas.

No GTR que acontecia em paralelo com o desenvolvimento do projeto, a unidade didática foi sendo analisada juntamente com o o relato das minhas aulas. O grupo tinha em torno de 25 participantes que puderam analisar, fazer críticas, sugerir conteúdos, sites sobre o tema, programas de edição de vídeos, livros, entre outros, como também relatar experiências que eles já tinham na escola com a linguagem cinematográfica. A maioria comentou sobre a dificuldade de se trabalhar com o cinema, já que a escola pública, em grande parte, não oferece estrutura adequada como computadores e laboratórios de informática, multimídia, internet e espaço apropriado. Uma alternativa para quem trabalha com esta linguagem na escola é procurar aproveitar os recursos que os alunos têm como celulares e *tablets*, que foi uma das saídas que encontrei para realizar parte do projeto.

4. Visita a Cinemateca

No inicio do ano fiz um diagnóstico com as turmas trabalhadas, questionando sobre o que eles conheciam sobre cinema, sobre a linguagem cinematográfica, quem já havia ido ao cinema e quem costumava frequentá-lo.

Para minha surpresa muitos nunca tinham entrado na sala escura e visto um filme na grande tela então, minha ideia inicial de levá-los ao cinema passou a ser fundamental. Entrei em contato com vários órgãos e empresas como a Fundação Cultural de Curitiba, Centro Cultural do Portão e Cinemax, que oferecia, dentro de um projeto, filme e pipoca aos alunos de escolas públicas, porém o projeto estava suspenso. O Centro Cultural Portão que contém salas de cinema nem chegaram a responder meus e-mails e telefonemas. Assim, escrevi para a Cinemateca de Curitiba que prontamente passou a ajudar.

A visita guiada aconteceu no dia 23 de julho de 2014, no período da tarde. Os curtas escolhidos pelos responsáveis da Cinemateca pertencem ao Programa Adolescer. Segue a explicação sobre o programa, enviada para mim, por email pelos responsáveis da Cinemateca:

Adolescer:

"O cinema brasileiro parece estar voltando seus olhos, cada vez mais, para os dilemas típicos da adolescência, tanto nos longas como nos curtas-metragens. Este programa reúne seis curtas de ficção, realizados entre 2005 e 2008 que lidam, de maneiras diferentes, com uma fase da vida em que tudo está à flor da pele, e por isso mesmo os dilemas parecem servir tão bem ao "drama", no sentido mais amplo do termo.

São filmes de grande destaque não só no panorama nacional como também com participações internacionais importantes, em festivais como Cannes, Sundance e Locarno, entre outros. Finalmente, vale notar que quatro dos seis títulos são dirigidos por cineastas mulheres, numa proporção que dá bons sinais para um futuro do cinema brasileiro com uma divisão mais equânime dos trabalhos nesta função. Classificação 12 anos"

Relação dos filmes exibidos:

Dez elefantes de *Eva Randolph*
(RJ, 2008, Ficção, Colorido, 15 min.)

Dois tons de *Caetano Gottardi*
(SP, 2005, Ficção, Colorido, 15 min.)

Espalhadas pelo ar de *Vera Egito*
(SP, 2007, Ficção, Colorido, 15 min.)

Eu e crocodilos de *Marcela Arantes*
(SP, 2008, Ficção, Colorido, 17 min.)

Nº27 de *Marcelo Lordello*
(PE, 2008, Ficção, Colorido, 20 min.)

Tori de *Andréa Midori Simão e Quelany Vicente*
(SP, 2006, Ficção, Colorido, 16 min.)

Tempo total aproximado do programa: 98 minutos.

Para irmos até a Cinemateca foi necessário locar um ônibus e os alunos pagaram o valor de dez reais. Infelizmente nem todos puderam dispor desta quantia e, de aproximadamente 90 alunos, 50 participaram da exibição e apreciação dos filmes. Fomos acompanhadas da pedagoga responsável pelas turmas e de um agente administrativo. Chegando à Cinemateca as turmas foram recebidas pelo grupo responsável pelas visitas técnicas. Houve uma conversa inicial, alguns questionamentos e provocações a respeito do cinema (como arte, como indústria) e sobre os acervos e os trabalhos da Cinemateca pensados para o público e de forma gratuita. Na sala de cinema, já na primeira exibição pude perceber os olhares atentos e alguns questionamentos como “Já acabou”? Pois todos os filmes eram histórias que tiravam o espectador de sua “zona de conforto”, fazendo-os pensar. Nada vinha pronto e acabado como nos filmes da indústria cultural que eles estavam acostumados a assistir.

Após a exibição de todos os curtas-metragens fomos até o pátio da Cinemateca. Os alunos comeram pipoca e tomaram refrigerante. No final, os responsáveis fizeram uma fala final comentando sobre os filmes e falando da importância dos estudantes e de suas famílias frequentarem a Cinemateca de Curitiba. De volta a escola foi possível perceber que muitos comentavam sobre as exibições. Alguns gostaram outros não porque eram filmes para serem assistidos

e analisados mais de uma vez. Na sala não pude retomar de modo adequado sobre a visita e os filmes assistidos porque iniciavam-se as férias de julho.

5. Conclusão

Durante o primeiro semestre de 2014, no qual desenvolvi o referido projeto, encontrei muita satisfação, mas também algumas dificuldades. A direção da escola, desde o inicio se propôs a ajudar no que fosse possível. Realmente senti tal disposição mas, na maioria do tempo, acabei resolvendo sozinha as dificuldades encontradas. Por exemplo, o laboratório de informática não possui programas de edição de vídeo e os computadores estão totalmente ultrapassados. Como a escola poderia nos ajudar? Montando um novo laboratório ou atualizando o que já existe? Isto seria perfeito, mas sabemos que isso demanda verbas, burocracia e tempo. A realidade é que os professores, principalmente de arte, sempre encontram alternativas para realizarem seus trabalhos. Neste caso, ofereci meu próprio computador para poder fazer a edição de alguns curtas produzidos pelos alunos. Outra situação complicada foi trabalhar a parte de efeitos sonoros e trilha sonora sem um sistema de som adequado. Tive que usar a TV pendrive, único equipamento disponível na sala, totalmente ultrapassado e com som “abafado” mas acredito que eles puderem perceber o quanto o som pode ser um elemento afetivo e expressivo em uma cena e o quanto pode envolver o espectador.

A linguagem cinematográfica abrange vários campos do conhecimento e acredito que o tempo destinado ao projeto acabou sendo curto. Foram 2 aulas por semana, cada sala tem aproximadamente 37 alunos. Fazer chamada, organizar a turma e iniciar a aula toma tempo. Um semestre destinado ao projeto acabou sendo pouco para trabalhar de modo efetivo com os vários conteúdos relacionados ao cinema porem, acredito que os objetivos foram, de alguma forma, alcançados porque a maioria conseguiu Identificar os códigos específicos da linguagem cinematográfica, conhecer alguns aspectos relevantes da história do cinema, compreender, de algum modo, os elementos básicos que estruturam e organizam o cinema e reconhecer, hoje, a diferença do cinema como arte e do cinema como produto da Indústria cultural. A questão problematizadora que norteou o projeto, isto é se o conhecimento dos fundamentos básicos da

linguagem cinematográfica possibilitaria uma melhor compreensão da produção em cinema e por consequência melhor posicionamento crítico e condição de leitura por parte dos estudantes diante destas obras posso afirmar que depois de todo o trabalho realizado, em alguns casos, sim (alunos que já traziam uma certa bagagem cultural e que se interessaram pelo assunto). Mas há muito trabalho, ainda, a ser feito nas escolas para transformar a realidade que está posta, em grande parte, na nossa sociedade: a de simples espectadores e consumidores desta arte.

6. Referências

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro:** o mais completo guia da arte e técnica de escrever para televisão e cinema. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas.** 6. ed. São Paulo: Papirus, 2011.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009. p15.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** : Arte. Curitiba: SEED – PR, 2008.

STEPHENSON, Ralph & DEBRIX, J. R. **O cinema como arte***.* Trad. Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. **As vozes da canção na mídia.** São Paulo: Fapesp, 2003.

Artigo publicado na revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995 (com bibliografia atualizada)

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf f/14_24.pdf Acesso em setembro de 2014.

http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm Acesso em outubro de 2014.